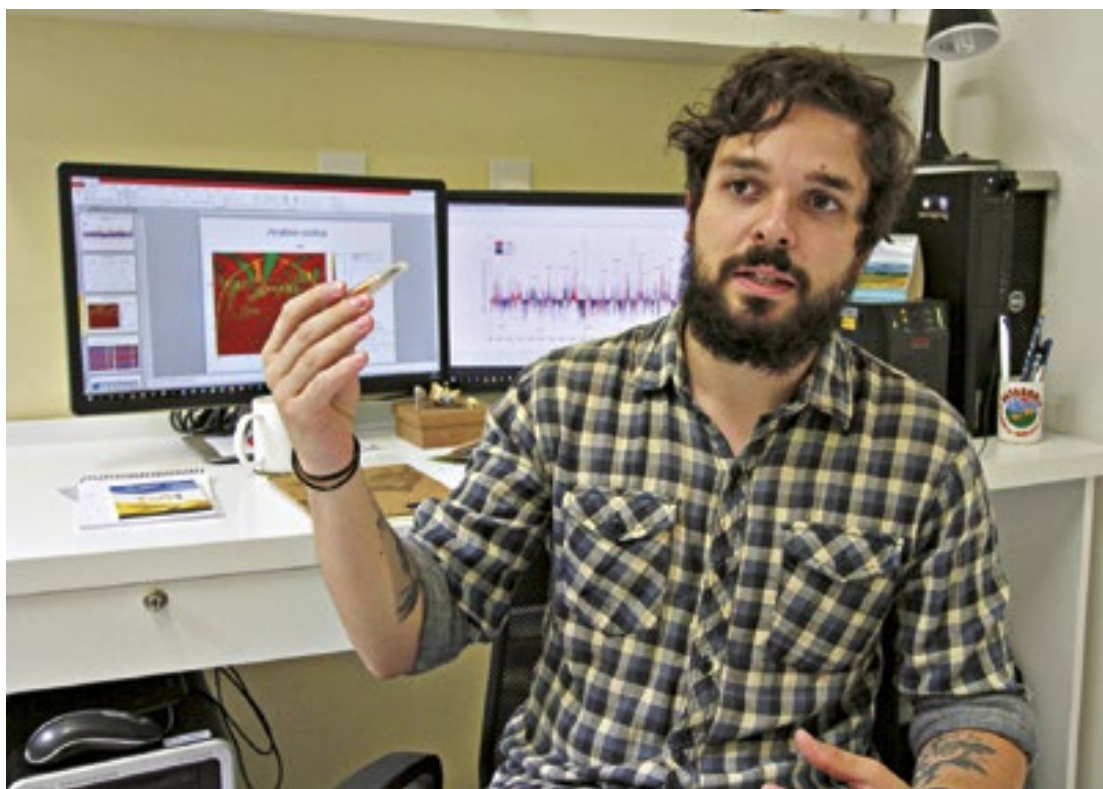


política

debate ideológico, critica Valente

Perfil



FOTOS: LUIZA PRADO/JC

Natural de Porto Alegre, Pedro Teixeira Valente é geógrafo climatologista formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs). Participa do Centro Polar e Climático da Ufrgs como pesquisador e de uma parceria público-privada do CNPq com a BAT Brasil em um projeto de predição de safra para

agricultura familiar. Estuda as conexões trópico-polo (climatologia polar e subtropical) e seus impactos no Hemisfério Sul. É especializado em eventos extremos de precipitação, trabalha com a climatologia histórica do século XX no Rio Grande do Sul e Sudeste da América do Sul.

tes. Por exemplo, durante as fortes chuvas de julho, as pessoas monitoraram o nível dos rios no Vale do Taquari, para ver se as águas subiriam mais ou começariam a baixar. Então, muitas vidas foram salvas por causa dessa ferramenta (o site Clima RS), além do esforço contínuo das prefeituras, defesas civis e outros órgãos. É importante que as instituições do Estado trabalhem juntas cada vez mais.

JC - Diria que a informação sobre o clima é o primeiro passo para se preparar para as mudanças climáticas?

Valente - Com certeza, não só informações em tempo real, mas também dados para deixar os modelos mais acurados. Acredito que também seja importante deixar as pessoas cientes sobre as políticas públicas em curso. Não basta mais que o governador, os deputados, os prefeitos digam que vão combater as mudanças climáticas. Eles devem dizer como vão fazer isso. Vão criar uma Defesa Civil mais forte? Ampliar as pessoas que trabalham com monitoramento cli-

mático e ambiental? Destinar mais verba para a divulgação de alertas e educação ambiental? Aliás, nas escolas, as crianças podem aprender a detectar eventos extremos e passar isso para suas famílias. Então, a questão da informação é uma ação conjunta: da ciência, do governo e da própria população.

JC - Nos últimos meses, os meteorologistas têm emitido alertas sobre fortes chuvas causadas pelo fenômeno El Niño no Rio Grande do Sul. O que esse fenômeno tem de diferente neste ano? O Estado tem, de fato, motivos para ficar preocupado?

Valente - Eu diria que sim. Existem três razões para ficarmos atentos. A primeira é que já estamos há mais de três meses sob os efeitos do El Niño. E, nesse curto intervalo de tempo, que a gente já tem de El Niño, constatamos que a temperatura média do oceano na região do Pacífico Equatorial está 1 °C acima da média dos meses de julho e agosto. Geralmente, (nos anos em que ocorre o fenômeno El Niño)

o crescimento da temperatura é mais devagar, subindo entre 0,2 °C e 0,5 °C nesse período. Então, cresceu muito rápido. Esse é um fator que preocupa muito.

JC - E qual a segunda razão para ficarmos atentos?

Valente - As previsões mais confiáveis sobre o El Niño apontam que esse evento deve se estender até março de 2027. Isso significa que o fenômeno vai atravessar toda a nossa primavera, verão e, possivelmente, outono. Então, ainda temos um bom tempo de El Niño pela frente.

JC - E o terceiro ponto?

Valente - Segundo a Agência Nacional de Oceano e Atmosfera dos Estados Unidos, a probabilidade de ter um El Niño da categoria mais intensa - classificado como "muito forte" - está acima de 50% entre setembro de 2026 e fevereiro de 2027. Ou seja, é um período relativamente longo com grande probabilidade de eventos climáticos extremos. Então, por esses três motivos, eu diria que esse El Niño está evoluindo de maneira preocupante. O evento já se mostrou muito intenso des-

de o início.

JC - Então, esse El Niño exige atenção, porque a temperatura das águas do Oceano Pacífico subiu muito rápido, elas devem ficar aquecidas por um período mais longo e o risco de um fenômeno intenso é de 50% até fevereiro de 2027...

Valente - Exatamente. Os El Niños tendem a começar de um jeito parecido, mas, durante a sua existência, eles têm um comportamento diferente. Esse El Niño já começou muito rápido, já começou fora do padrão. Geralmente, tem aquele período de aquecimento progressivo e, dessa vez, foi um aquecimento abrupto.

JC - Existem semelhanças entre o El Niño desse ano e aquele que deu origem à enchente de 2024 no Rio Grande do Sul?

Valente - A maior semelhança é que os dois El Niños iniciaram em um período no qual a temperatura média do oceano já estava mais quente. Então, os dois já nasceram potencializados para ficarem quentes mais rápido. Mas tem algumas diferenças também...

JC - Quais destacaria?

Valente - Apesar de o El Niño de 2023 e 2024 ter sido forte, ele não cresceu tão rápido como o El Niño atual. Isso não significa necessariamente que teremos uma enchente igual ou maior que a de 2024. Mas isso abre espaço para eventos como a enchente. Tanto que, no início de julho, com um mês e meio de El Niño, já tivemos enchentes no Vale do Taquari. No El Niño de 2023 e 2024, a primeira enchente no Vale do Taquari ocorreu no terceiro mês desse fenômeno. Então, o atual El Niño exerceu sua influência mais cedo. Entretanto, isso não significa que vai ser pior que 2023 e 2024, porque (a chuva forte que causa as enchentes) é uma combinação de fatores. Tem influência da Antártida, tem uma assinatura da Amazônia, tem influência do El Niño.

JC - Muitos climatologistas alertam que as mudanças climáticas têm causado o aquecimento das águas dos oceanos. Isso intensifica o El Niño?

Valente - Com certeza. O El Niño é um modo de variabilidade climática natural da Terra. Mas, quando existe uma condição inicial mais quente, isso

potencializa essa variabilidade. Então, o El Niño geralmente aquece a costa oeste da América do Sul e esfria a região da Oceania e do Sudeste Asiático. Dessa vez, como todo o planeta está mais quente, tanto nos oceanos quanto na atmosfera, o El Niño já começa com um impulso extra para ficar mais intenso.

JC - Quanto o aquecimento global aqueceu os oceanos?

Valente - A nível global, a temperatura média dos oceanos está muito acima da média nos últimos quatro anos. Até 2022, a temperatura média anual de todos os oceanos da Terra mantinha um padrão. A partir de 2023, a temperatura deles está muito acima da média. Eles estão quase 0,25 °C acima dos anos anteriores. No último relatório do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima, na tradução para o português), esse aquecimento estava previsto para o final da década de 2020 e no início da década de 2030. Só que começaram a ocorrer já em 2023. Nesse período, tivemos o recorde da enchente de Porto Alegre, outras enchentes históricas na Ásia, nevascas intensas na Europa e no Hemisfério Norte. Então, vários eventos extremos que já eram esperados para o fim da década passaram a ocorrer antes. A comunidade científica conseguiu estimar a intensidade dos fenômenos, mas a frequência acabou surpreendendo os cientistas.

JC - Em agosto, participou da conferência científica organizada pelo Comitê Científico de Pesquisa Antártica (SCAR, na sigla em inglês) em Oslo, na Noruega. Como avalia a pesquisa dentro da comunidade científica global?

Valente - O Brasil foi um dos países com a maior delegação de cientistas no evento da SCAR em 2026. A comitiva tinha meteorologistas, climatologistas, geólogos, oceanógrafos, físicos, biólogos, botânicos, muita gente. Então, mesmo que exista um desdém político mundial, o tamanho da delegação brasileira mostra o quanto o Brasil tem interesse em fazer algo, em buscar recursos, em unificar a ciência, a população e a Defesa Civil para criar redes de apoio. Tem pessoas interessadas nisso. Esse tipo de coisa foi discutido na conferência.